



Pessoa, ação e sentido: itinerários para um personalismo na filosofia de Karol Wojtyła

*André Luiz Pereira Spineli**

*Lucas Emanuel Souza Melo***

Resumo: Para além de suas contribuições no campo da teologia, evidenciadas por sua eleição para o governo da Igreja Católica Apostólica Romana como João Paulo II, o pensamento filosófico de Karol Wojtyła (1920-2005) representa uma luta contínua frente aos avanços do totalitarismo europeu sobre o território polonês, estruturada a partir de seu interesse acadêmico pelos problemas éticos e antropológicos que determinaram a necessidade de reconstituir as ideias de pessoa, ação, dignidade humana e sentido. Neste trabalho, investigamos os pressupostos do personalismo wojtyliano, tendo como pano de fundo as categorias filosóficas desenvolvidas no âmbito das obras *Persona y acción* e *El hombre y su destino*.

Palavras-chave: Karol Wojtyła; Personalismo; Ação.

Persona, acción y sentido: itinerarios para un personalismo en la filosofía de Karol Wojtyła

Resumen: Además de sus aportes en el campo de la teología, evidenciados por su elección al gobierno de la Iglesia Católica como Juan Pablo II, el pensamiento filosófico de Karol Wojtyła (1920-2005) representa una lucha continua contra los avances del totalitarismo europeo sobre el territorio polonés, estructurado a partir

* Mestre em Direito pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Professor em Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita (UNESP). E-mail: spinieliandre@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9712876051495512>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7975-2384>.

** Graduando em Filosofia pelo Instituto Agostiniano de Filosofia (IAF). E-mail: lucas.nup@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4053908552444153>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1372-0624>.

de su interés académico por los problemas éticos y antropológicos que determinaron la necesidad de reconstituir las ideas de persona, acción, dignidad humana y sentido. En este trabajo investigamos los presupuestos del personalismo wojtyliano, teniendo como trasfondo las categorías filosóficas desarrolladas en el ámbito de las obras *Persona y acción* y *El hombre y su destino*.

Palabras clave: Karol Wojtyła; Personalismo; Acción.

Introdução

A filosofia proposta por Karol Wojtyła (1920-2005) teve como missão principal reconstruir, por meio da análise daquilo que ficou conhecido em seu pensamento como “mistério da pessoa”, os elementos da metafísica e da antropologia contemporâneas (SILVA, 2005, p. 19-20; BARRETT, 2010, p. 25). Ao reconhecer que um dos principais males do último século foi justamente a pulverização da singularidade do homem – motivada, em grande parte, pelos eventos catastróficos de ambas as guerras mundiais –, a filosofia wojtyliana se volta tanto à tentativa de ofertar uma recapitulação do mistério da pessoa quanto à oposição às polêmicas estéreis criadas pelas ideologias ateístas (BARRETT, 2010, p. 25-26). Na obra filosófica de Wojtyła, a emergência de um pensamento de matriz personalista foi possível graças à síntese que ele realiza entre o tomismo e a fenomenologia.

Para além de suas contribuições no âmbito da teologia, na condição de Papa João Paulo II, o filósofo polaco também construiu uma vasta bibliografia literária e filosófica. A obra wojtyliana pode ser organizada em quatro grandes etapas, que obedecem necessariamente ao itinerário de sua vida enquanto professor de ética e religioso católico (BURGOS, 2006, p. 3; SILVA, 2005, p. 20). A primeira fase compreende os eventos ocorridos nas décadas de 1950 a 1970, quando escreveu sobre a ética filosófica e o problema do amor humano. O reconhecimento de Wojtyła enquanto filósofo ocorre a partir desse período, em razão da introdução da síntese tomista-fenomenológica em sua obra. A segunda

etapa corresponde ao conjunto de obras que publica a partir de 1969, cujo destaque é a produção de *Persona y acción* e seu interesse pelas questões antropológicas da contemporaneidade. Mais adiante, a terceira fase se ocupa das temáticas afeitas à filosofia social e se estende até sua eleição papal, quando se abre à quarta etapa, com reflexões de natureza teológica e preocupações teóricas com o problema do corpo e as pendências da doutrina cristã¹ (BURGOS, 2006, p. 3; SILVA, 2005, p. 20-21).

Uma das premissas fundamentais do pensamento filosófico wojtyliano diz respeito à ideia de que a pessoa humana é capaz de conhecer a verdade essencial das coisas (SILVA, 2005, p. 23). A aproximação de sua filosofia às tendências fenomenológicas husserlianas lhe permitiu afirmar que, se todo juízo pretende ser verdadeiro em relação ao objeto a que se refere, então é preciso considerar que o homem é dotado da capacidade de “Captar fatos inteligíveis e universais a respeito da essência e da natureza das coisas em si mesmas” (SEIFERT, 1985, p. 81). O interesse wojtyliano pelos temas filosóficos da fenomenologia e da intersubjetividade surge na medida em que percebe a existência de lacunas na antropologia filosófica e na ética contemporâneas, responsáveis por influenciar negativamente a capacidade humana de agir para satisfazer a nós mesmos e aos outros (BARRETT, 2010, p. 26-28). A partir de uma visão sistemática da filosofia wojtyliana, essa problemática é determinante para a mudança epistemológica da filosofia contemporânea: de uma “filosofia do ser”, passamos para uma “filosofia da consciência”² (SOUZA, 1995, p. 301-319; BARRETT, 2010, p. 27).

¹ “Wojtyla recorre com profundidade à noção de experiência moral. A ética, explica, não surge de nenhuma estrutura externa ao sujeito, não é uma construção mental gerada por pressões sociológicas, nasce de um princípio real e originário: a experiência moral, a experiência do dever, porém não entendido de modo kantiano, como a estrutura formal da razão prática, senão em um sentido profundamente realista, como a experiência que todo sujeito possui – em cada ação ética concreta – de que deve fazer o bem e deve evitar o mal” (BURGOS, 2006, p. 3; SILVA, 2020, p. 105).

² A filosofia clássica, a partir de uma visão aristotélica e tomista, afirmava que as coisas possuíam caracteres essenciais que a mente humana era capaz de discernir. No entanto, o pensamento cartesiano na modernidade operou uma virada para o sujeito, pela qual estamos

Devemos considerar que uma das principais contribuições da filosofia wojtyliana ao pensamento contemporâneo é, mais que a realização de um consórcio entre as teses tomistas e as propostas da fenomenologia husserliana à teoria do conhecimento, a defesa da substituição da antropologia cartesiana ao modelo personalista (DAMASCENO, 2016, p. 38). Enquanto corrente filosófica que encontra suas bases nos dois últimos séculos, o personalismo propôs uma compreensão aprofundada da ideia de "pessoa" a partir da fundamentação das responsabilidades do sujeito e da explicação de sua situação no mundo, além da inserção do homem na sociedade e na história³ (SPINIELI; SOUZA NETO, 2022, p. 204). Nessa perspectiva, a proposta central do filósofo polaco é justamente compreender as múltiplas potencialidades que podem ser atribuídas ao ser humano a partir de uma relação entre pessoa e ação (DAMASCENO, 2016, p. 39; SPINIELI; SOUZA NETO, 2022, p. 204-205). Com base nisso, a proposta deste artigo é analisar a constituição e os pressupostos do personalismo na filosofia wojtyliana, tendo como base as obras *Persona y acción* e *El hombre y su sentido*.

corretos a respeito de nosso pensamento e nossa existência, como consequência, mas não sobre a correspondência de nosso entendimento com as próprias coisas. A visão de Wojtyła, pautado na síntese entre o tomismo e as contribuições da fenomenologia husserliana ao problema do conhecimento humano, foi demarcada pela ideia de que o subjetivismo cartesiano era prejudicial ao homem. Porém, a retomada das questões da interioridade na modernidade foi positiva, ainda que carecesse de uma abordagem filosófica cosmológica. Wojtyła recorre à ideia de pessoa proposta por Boécio, para quem a pessoa não significa uma espécie, mas algo de singular e individual, tratando-se de uma substância individual de natureza racional. Essa noção permitiu ao pensamento wojtyliano o desenvolvimento dos aspectos antropológicos da singularidade, do valor humano e do significado pessoal da liberdade – sob o ponto de vista do personalismo.

³ A proposta do personalismo é afirmar “O ser em seu princípio pessoal, e tudo o que não é pessoal no ser deriva da pessoa, como meio de manifestação ou de comunicação entre as pessoas” (BURGOS, 2012, p. 361).

Experiência e ação: as bases para uma filosofia da pessoa em Wojtyła

Pensar uma filosofia personalista no âmbito das contribuições wojtylianas exige uma investigação prévia a respeito das premissas que determinam seu pensamento. Ele relaciona as categorias da experiência integral, da ação e do significado de pessoa na contemporaneidade, especialmente frente ao contexto pós-guerras (DAMASCENO, 2016, p. 41). O pressuposto fundamental da filosofia de Wojtyła, que funciona como ponto de partida para a afirmação de sua proposta personalista, corresponde à ideia segundo a qual toda ação tem como origem necessária a pessoa humana, assim como objetiva promover sua integralidade (DAMASCENO, 2016, p. 41). O filósofo polaco compreende que a experiência deve ser considerada a fonte de todo o conhecimento humano sobre os objetos que o circundam. Embora não seja a única forma de conhecimento, a experiência deve ser lida tanto sob o ponto de vista do sensível quanto do transcendental (WOJTYLA, 2014, p. 10).

No pensamento wojtyliano, os diálogos entre a ação humana e a experiência pressupõem que “A experiência é, para ele, um todo estruturado orgânico” (BUTTLIONE, 1985, p. 149), demarcada não apenas pelo objeto cognoscível, mas também pelos tipos de atos que compõem a experiência. Se a experiência representa aquilo que nos é ofertado de maneira imediata e direta, que permite a presença efetiva do sujeito (SILVA, 2005, p. 24), então é preciso compreender os significados da ideia de “ação” em Wojtyła. No contexto de sua filosofia, essa noção é apreendida a partir do fato de que, ao exercer determinada ação, o homem se torna “Objeto de explicação enquanto ação de uma pessoa” (SILVA, 2005, p. 28). Por assim dizer, o pensamento wojtyliano realiza uma inversão no conceito de pessoa, utilizado historicamente pela antropologia filosófica: antes compreendida como o sujeito que *está* introduzido na realidade e cuja ação pressupõe sua existência, agora passa a ser interpretada pelo viés de que a *ação revela a pessoa* (SILVA, 2005, p. 28). Ao propor um binômio indissociável, formado por pessoa-ato, Wojtyła afirma que a pessoa apenas pode ser conhecida por meio das suas ações.

Na concepção wojtyliana, a ação é responsável por revelar tudo aquilo que se refugia no próprio homem, por manifestar sua interioridade (WOJTYLA, 2014, p. 12-13). O personalismo proposto no âmbito da filosofia de Wojtyła não apenas retoma as bases do movimento, erguido através das reflexões de Emmanuel Mounier na primeira metade do século XX, mas avança sobre uma interpretação da pessoa sob o ponto de vista fenomenológico. A ideia de pessoa passa a ser compreendida enquanto sujeito responsável e consciente de uma ação, que não é mais pressuposto a partir dela, mas por ela se revela à realidade (WOJTYLA, 2014, p. 12-13). Essa perspectiva nos permite afirmar que a filosofia wojtyliana entende que a “Ação revela a pessoa, e vemos a pessoa através de sua ação” (WOJTYLA, 2014, p. 12-13). Em sua releitura do personalismo tradicional, Wojtyła empreende seus esforços para nos revelar que a ação é o meio mais adequado para acessar a essência intrínseca da pessoa e, consequentemente, nos possibilitar o maior grau possível de conhecimento acerca do sujeito (WOJTYLA, 2014, p. 12-15).

A compreensão da pessoa humana – e, consequentemente, do próprio personalismo de matriz wojtyliana – depende da identificação do conceito de ação enquanto um “dinamismo deliberado e livre do ser humano” (SILVA, 2005, p. 29-30). Para a formulação de seu personalismo, Wojtyła conserva determinados elementos da filosofia do ser de origem aristotélico-tomista, cujas contribuições estão relacionadas ao entendimento da ação humana sob o viés da capacidade de atuar livremente na realidade (SILVA, 2005, p. 30). No pensamento do filósofo polaco, o agir humano designa a existência de uma potência correspondente à sua existência e que deve ser atualizada pela própria pessoa, de modo que a potência representa o núcleo irreduzível da pessoa humana, sem a qual não pode existir enquanto pessoa. Nesse sentido, pode-se afirmar que Wojtyła retoma as bases do pensamento aristotélico e escolástico para sustentar que, diferentemente do itinerário tomista, que realizou um percurso da causa ao efeito, o personalismo wojtyliano propõe a leitura da pessoa do efeito à causa, considerando a ação da forma como

ela se manifesta imediatamente na experiência e na consciência do sujeito, revelando-o (SILVA, 2005, p. 29-31).

Pessoa, ação e responsabilidade: pela afirmação do personalismo wojtyliano

A obra filosófica de Wojtyła tem como enfoque a tentativa de compreender o ser humano a partir das noções complexas de pessoa, ação e experiência. A afirmação de um (novo) personalismo na filosofia wojtyliana depende de um esforço cognoscitivo que deve ter como ponto de partida necessário a própria pessoa. Na concepção do filósofo polaco, um dos problemas identificáveis na contemporaneidade é a longa espera do homem por uma nova e profunda análise a respeito de si mesmo (WOJTYLA, 2014, p. 25). O que sua abordagem personalista propõe é justamente a imersão nos próprios mistérios do homem a partir da reflexão filosófica – que, após conquistar os segredos da natureza extensiva, manteve-se órfão de uma análise definitiva a respeito de sua própria natureza (WOJTYLA, 2014, p. 25). Além de avançar sobre um necessário conhecimento de si mesmo, Wojtyła indica que há dois outros motivos que incidem na conveniência de estudar a pessoa: de um lado, evitar que a cotidianidade, devido à prioridade da experiência do *eu*, encerre-se em eventos cíclicos; de outro, fomentar que o ser humano não perca seu espaço no mundo.

Através da leitura personalista do “mistério da pessoa”, a filosofia wojtyliana pretende responder “Aos problemas mais existenciais do homem no mundo contemporâneo” (WOJTYLA, 2014, p. 27). Na concepção de Wojtyła, a tentativa de alcançar o irredutível no homem depende da construção de uma filosofia que seja capaz de unir as perspectivas objetiva e subjetiva, a fim de fazer com que o homem seja interpretado naquilo que constitui a sua originalidade – o “ser sujeito”. Conforme estruturamos anteriormente, a visão de pessoa que a filosofia wojtyliana pretende apresentar decorre da experiência daquele que atua. Na condição de pensamento que enxerga a ação humana como a mais rica

entre todas as experiências, Wojtyła afirma que “Quando falamos da experiência do homem, nos referimos, fundamentalmente, para o fato de que, em sua experiência, o homem tem que enfrentar-se consigo mesmo” (WOJTYLA, 2014, p. 3). Significa dizer que o homem apenas se realiza na medida em que se introduz em uma relação cognoscitiva com seu próprio eu (WOJTYLA, 2014, p. 3).

Em seu personalismo, que se origina da síntese entre as perspectivas tomistas e fenomenológicas, Wojtyła critica o emprego tradicional do conceito de “consciência”. Se a fenomenologia husserliana identifica o sujeito com a consciência, a filosofia wojtyliana busca desconstruir essa perspectiva e indicar que a consciência nada mais é senão uma função intelectual humana, derivada do conhecimento (SILVA, 2005, p. 31-32). Apesar de não rejeitar a compreensão fenomenológica de intencionalidade, segundo a qual a consciência é sempre consciência de algo, Wojtyła interpreta a consciência de uma ação como um “Reflexo que pertence à consciência e não consiste na objetivação nem da ação, nem da pessoa, ainda que leve em si mesma uma imagem fiel da ação e da pessoa” (WOJTYLA, 2014, p. 39). Enquanto o *actus humanus* tomista é necessariamente voluntário e pressupõe a consciência, a perspectiva wojtyliana acrescenta o elemento da “dinâmica” ao ato humano – retirando analogicamente do plano metafísico a ideia de “dinamismo do ato de ser”.

A consciência abrange o valor moral da ação, já que, por meio dela, o homem experiencia a si próprio (SPINIELI; SOUZA NETO, 2022, p. 204). O personalismo wojtyliano concebe a consciência como uma via que possibilita a objetivação de todo o dinamismo humano pela experiência – que, em outras palavras, significa dizer que “A consciência subjetiva o objetivo” (SILVA, 2005, p. 32). A filosofia de Wojtyła identifica na consciência duas funções centrais: ao mesmo tempo em que ela serve para espelhar o autoconhecimento, consistente na reflexão do conhecimento objetivo apresentado pelo autoconhecimento, também se propõe a formar a experiência vivida, permitindo viver interiormente como si mesmo – ou seja, viver como sujeito de seus atos e de suas próprias experiências (SILVA, 2005, p. 32-33). Mais que manifestar a espiritualidade do homem, a consciência vincula a pessoa aos seus atos e assume uma atitude de sensação e avaliação sobre eles (SILVA, 2005, p.

35). A estreita complementaridade entre ética e antropologia na filosofia wojtyliana se expressa por meio da profunda unidade do ser humano, porque, desde o “Ponto de vista dinâmico ou existencial, podemos dizer que a pessoa está na origem dos valores morais, bem como em seu resultado final” (WOJTYLA, 2014, p. 15).

Ainda em relação à questão da consciência, o personalismo estruturado no contexto da filosofia wojtyliana tem como fundamento o estudo das dimensões do ato humano como ação consciente e ação eficiente. Ele se destaca pela insistência em não aceitar um papel absoluto da consciência na pessoa – o que se distancia dos paradigmas husserlianos e evidencia a raiz aristotélico-tomista de seu pensamento. Para a filosofia personalista, a consciência é capaz de apresentar as ações humanas à sua própria maneira, de modo que “O reflexo forma parte de sua mesma natureza intrínseca –, mas não objetiva cognoscitivamente nem as ações, nem a pessoa que as realiza, nem sequer todo o universo da pessoa [...]” (WOJTYLA, 2014, p. 43). No mesmo sentido, Wojtyla considera que a interpretação contemporânea da ideia de pessoa a partir de seus atos tem como base o autoconhecimento, o que não deve representar a objetivação do *eu*⁴ (WOJTYLA, 2014, p. 49). Essa matriz do personalismo compreende que a autoconsciência permite à pessoa experimentar sua própria subjetividade ao contribuir para o reconhecimento das ações como próprios.

Na visão do filósofo em questão, a ausência da autoconsciência faria com que a pessoa não pudesse ser caracterizada pela subjetividade e tampouco constituída enquanto sujeito (WOJTYLA, 2014, p. 57). Em sua

⁴ “[...] a função do autoconhecimento se opõe a toda consideração egoísta da consciência, a toda abordagem que pode tentar apresentar a consciência (ainda que apenas de forma indireta) sob a forma do ‘eu puro’ (o sujeito). O autoconhecimento não tem tampouco nada em comum com um conhecimento objetivador que se ocupa do eu abstrato e generalizado, com nenhuma forma de ‘eulogia’. O objeto do autoconhecimento é o eu concreto, o eu enquanto tal” (WOJTYLA, 2014, p. 49). A abordagem wojtyliana da consciência indica que o conhecimento do ser pessoal se adquire desde a experiência de sua ação, a partir do autoconhecimento que tem de si mesmo enquanto ser concreto, dotado de uma grande riqueza e de uma dinamicidade, que se integra em uma unidade e cujo conhecimento se forma e expressa a partir dos conhecimentos progressivamente mais gerais, embora sempre referentes ao *eu*, e não ao homem em geral.

concepção, a pessoa que atua é simultaneamente aquela em que algo ocorre, uma vez que, como afirmamos outrora, a *ação revela a pessoa* (SILVA, 2005, p. 47). Para Wojtyła, o sujeito representa o fundamento último da ação, de tal maneira que há um fator ôntico subjacente (*suppositum*) implicado na subjetividade, que se encontra tanto na pessoa quanto em seu agir⁵. O seu pensamento observa que nem todas as coisas que ocorrem à pessoa humana tem um reflexo direto na consciência. Isso porque há duas estruturas distintas de dinamismo operacional da abordagem fenomenológica: se, por um lado, a filosofia clássica representou isso por meio dos conceitos de ato e potência, o modelo filosófico contemporâneo exige uma diferenciação adequada entre esses dois tipos de ação, já que a transmutação da potência para o ato implica necessariamente um *tornar-se* do homem. Por isso, a diferença está na eficácia: “Ao atuar, tenho a experiência de mim mesmo enquanto agente responsável desta forma concreta de dinamização de mim mesmo enquanto sujeito” (WOJTYLA, 2014, p. 81).

A experiência da pessoa em ação é a do sujeito como agente ou causa consciente de sua própria causalidade, o que mostra o sujeito como origem de seu atuar e como aquele que mantém a existência do efeito, pelo qual a pessoa se desvela como sujeito moral e responsável. Na experiência de atuar, a pessoa percebe, ao mesmo tempo, sua imanência e sua transcendência em relação à sua ação, assim como sua própria “criação” – o que se justifica pelo fato de que “O homem se forma a si mesmo com sua atuação” (WOJTYLA, 2014, p. 86). Na filosofia personalista de Wojtyła, embora a ação da pessoa não faça com que *seja*, ela é responsável por torná-la o que realmente *é*, originando a moralidade – boa ou má. Essa característica da pessoa é chamada no pensamento wojtyliano de “autodeterminação”, pois “Só pode ser pessoa quem esteja em posse de si mesmo e seja, ao mesmo tempo, sua própria, única e exclusiva posse” (WOJTYLA, 2014, p. 124). Nos olhares do filósofo, a pessoa é o único ser

⁵ “[...] a consciência, em sua união íntima com o ser e atuar baseados na realidade ôntica do homem-pessoa concreto, não absorve em si mesma nem obscurece a este ser, a sua realidade dinâmica, senão que, pelo contrário, a descobre ‘desde dentro’ e, por isso, a revela em sua diferença específica e correção singular” (WOJTYLA, 2014, p. 57).

que se realiza na ação. Essa capacidade de autorrealização põe em destaque uma característica ontológica da pessoa: sua potencialidade ou seu não ser plenamente em ato, sua contingência. Além disso, a liberdade é uma propriedade da pessoa, que lhe permite autodeterminar-se, convertendo-se em boa ou má, assim como criar-se a si mesma ou constituir-se enquanto homem no plano ético-pessoal.

A liberdade manifestada na autodeterminação representa, na filosofia wojtyliana, a maneira de levar ao conhecimento outra característica da pessoa: sua transcendência. Para o filósofo polaco, a “Pessoa transcende suas ações porque é livre e apenas na medida em que é livre” (WOJTYLA, 2005, p. 161). No contexto da obra *El hombre y su destino*, Wojtyla indica que essa transcendência está vinculada à estreita relação da liberdade com os transcendentais, ou seja, à submissão da liberdade à verdade. Significa afirmar que, no pensamento wojtyliano, a liberdade não é ilimitada. Embora ela não crie normas morais à pessoa, é responsável por descobri-las, o que não a priva de criatividade, pois “O papel criativo da consciência consiste no fato de que configura as normas, dando-lhes essa forma única e sem paralelo que adquirem dentro da experiência e realização da pessoa” (WOJTYLA, 2014, p. 192). No entanto, a afirmação do personalismo de Wojtyla depende não apenas das interlocuções entre pessoa e ação, mas também da responsabilidade frente ao outro. Por ser livre, o homem é responsável por suas ações – e se responsabiliza perante outra pessoa.

Uma abordagem que dialoga diretamente com as categorias da pessoa, da ação e da comunidade é determinante para a construção de um personalismo autêntico em Wojtyla. Para o filósofo, essa leitura da pessoa abre as portas para o sentido comunitário, que representa a relação do sujeito com outras pessoas – já que o homem é responsável perante si próprio e aos outros (WOJTYLA, 2005, p. 70-71). A “participação”, que Wojtyla ilustra a partir das aproximações entre o sujeito e os outros, explica a existência de uma dimensão dotada de dois sentidos e intrínseca à pessoa: por um lado, “Como propriedade da pessoa, expressando-se na capacidade de conferir uma dimensão pessoal (personalismo) ao próprio existir e fazer quando o homem existe e faz em comum com os outros” (WOJTYLA, 2005, p. 73) e, por outro, “Como relação positiva à

humanidade dos outros homens, entendendo-se a humanidade não como ideia abstrata de homem, mas [...] como o eu pessoal é, em cada caso, único e irrepetível” (WOJTYLA, 2005, p. 73).

Os sentidos de “participação” propostos na filosofia wojtyliana correspondem aos primados do sujeito pessoal frente à comunidade, indicando as dimensões de seu ser e do atuar junto aos outros. Se a comunidade indica a unidade de uma multiplicidade, o personalismo, seja tradicional ou wojtyliano, a compreende como a relação, o vínculo e a unidade social experimentados na consciência e na vida dos sujeitos individuais. Na comunidade, necessita-se estabelecer uma diferença entre a dimensão interpessoal do “eu-tu” e a dimensão social do “nós”. A primeira relação se reduz a dois sujeitos pessoais, constituindo-se de um movimento que parte do “eu” e se dirige para “outro eu” – chamado de “tu” na filosofia wojtyliana, em clara referência às filosofias da pessoa propostas no último século. Na concepção do filósofo polaco, o “tu” significa um “outro eu”, distinto de mim. Assim, “Pensando e dizendo ‘tu’, eu expresso uma relação que de algum modo se projeta fora de mim, mas que, ao mesmo tempo, retorna também a mim” (WOJTYLA, 2005, p. 81). Por assim dizer, o “tu” não representa apenas a expressão de uma separação, mas é também a base para uma unidade. Significa dizer que há uma relação reflexiva entre “eu” e o “outro”, pois ela externa um “Momento da constituição específica do ‘eu’ humano através da relação com o ‘tu’” (WOJTYLA, 2005, p. 81-82).

Na filosofia personalista wojtyliana, o “tu” participa de uma relação colaborativa com o “eu”, auxiliando a afirmar-se, aperfeiçoar-se ou autodefinir-se moralmente. Por isso, o “tu” não apenas retira o “eu” de sua subjetividade, mas o enraíza em si mesmo, alcançando, assim, uma experiência de sua própria subjetividade e do outro como um si mesmo. Na visão de Wojtyła, tanto o “eu” quanto o “tu” estão constituídos e se definem por sua autoposses e autodomínio, mas, em sua presença mútua, cada um permite que o outro capte sua transcendência e sua aspiração ao aperfeiçoamento (WOJTYLA, 2005, p. 83). Desde este ponto de vista, nasce “Uma responsabilidade recíproca da pessoa pela pessoa” (WOJTYLA, 2005, p. 89). A dimensão social, referente ao “nós”, diz respeito a uma multiplicidade composta de pessoas, que oferece uma base

de juízo a todas elas, pois indica que *existem* e *fazem* em comum. Na proposta wojtyliana de personalismo, o que define a comunidade é a existência de um bem comum que abre uma nova dimensão à realização da pessoa. Apenas em uma comunidade constituída sob a referência do bem comum é que se faz possível vislumbrar a transcendência da pessoa para o “nós”, em uma autêntica *communio personarum* (WOJTYLA, 2005, p. 99).

Para o filósofo polaco, a “Subjetividade não encerra o homem em si mesmo, não faz dele uma mônada impenetrável, ao contrário, o abre de uma maneira particular à outra pessoa” (WOJTYLA, 2005, p. 102). Seja na dimensão interpessoal da comunidade, demarcada pela ideia de “eu-tu”, ou mesmo na vertente social do “nós”, a participação significa uma autêntica expressão da transcendência pessoal e sua consequente confirmação subjetiva na pessoa (WOJTYLA, 2005, p. 102). Representa afirmar que a participação é a experiência do “outro” enquanto pessoa. Em Wojtyla, a intersubjetividade é abordada desde a experiência da pessoa em ação conjunta aos outros – o que se aproxima do personalismo tradicional⁶. O homem atua junto aos outros porque é um ser comunitário, embora essa dimensão dependa da estreita relação que existe entre a pessoa e sua ação: “[...] qualquer fato de agir junto com outras pessoas adquire seu devido significado humano” (WOJTYLA, 2014, p. 307)⁷.

A filosofia de Wojtyla demonstra que não é possível dar prioridade à relação com outras pessoas enquanto modo de conhecimento do sujeito, de modo que “Seria totalmente impossível estabelecer a devida proporção na compreensão da pessoa e de suas interrelações com outras pessoas sem categorias como as da autoposses e autogoverno” (WOJTYLA, 2014, p.

⁶ A preocupação wojtyliana pelas diferentes abordagens personalistas e seus temas pertence ao que se conhece como “terceira etapa de seu pensamento”, que segue à publicação da obra *Persona y acción*. Ao escolher o retorno ao homem como pessoa, Wojtyla estuda a ação como instância reveladora do homem, e não o contrário.

⁷ Significa afirmar que, para Wojtyla, o estudo da natureza social segue o estudo da pessoa, pois apenas se explica desde a natureza da própria pessoa, e não o inverso. A abordagem wojtyliana se constitui por uma ontologia da pessoa, que procura compreender e conhecer a ação humana por meio da experiência. Na medida em que o ser se faz na ação, sua filosofia recebe um valor personalista, o que nos indica que a pessoa se define como autogoverno.

316). Para o filósofo personalista, a intersubjetividade (ou o *atuar conjunto*) tem suas raízes na autodeterminação, e apenas por ela é possível alcançar um dom gratuito. Se a “Pessoa humana se nos revela como uma singular estrutura de autoposse e autodomínio” (WOJTYLA, 2005, p. 183), então é preciso compreender que, na filosofia wojtyliana, as relações entre o “eu” e o “outro” não significam o enclausuramento da pessoa para o exterior. Na verdade, as categorias da autoposse e do autodomínio indicam uma “Particular disponibilidade ao ‘dom de si’, ao dom desinteressado” (WOJTYLA, 2005, p. 183). Wojtyła não enxerga a intersubjetividade como algo negativo, mas sim enquanto um fundamento que permite à pessoa alcançar seu desenvolvimento próprio e intrínseco⁸.

Como resultado do personalismo wojtyliano, sua filosofia não considera incompatíveis a identidade e a alteridade, tal como se define desde a filosofia aristotélico-tomista; o homem é sujeito de ações, sujeito que se experimenta como pessoa em ação com outros e, a partir disso, acolhe a experiência dos outros. Em Wojtyła, a pessoa representa um ser responsável, que está relacionado à ação e que, ao atuar, alcança seu aperfeiçoamento. Em seus diálogos entre filosofia e teologia, influenciados até mesmo pela dimensão tomista de seu pensamento, o filósofo polaco propõe que a pessoa tenha todas as suas ações balizadas pelo amor, formatadas de acordo com o mandamento evangélico “amarás” – que deve ser interpretado sob o ponto de vista da adição do próximo como a ti

⁸ A partir da leitura da filosofia wojtyliana, pode-se afirmar que a intersubjetividade constitui um direito inalienável da pessoa, pelo qual se desenvolve e se constrói em sua ação com os outros. A correta compreensão da intersubjetividade ou participação requer uma visão do bem comum como fundamento das autênticas comunidades humanas, de tal forma que seja possível evitar o individualismo e o totalitarismo, cujas raízes são comuns e residem em uma identificação do bem humano com o bem individual. Apenas em uma comunidade baseada na participação é que a pessoa pode se desenvolver plenamente, pois esse é o sentido da solidariedade humana. “Devido à mesma capacidade de participação, o homem espera que, nas comunidades baseadas no bem comum, suas próprias ações sirvam à comunidade e a ajudem a manter-se e enriquecer-se. Nas condições estabelecidas de acordo com esse modelo axiológico, ele terá o prazer de renunciar ao seu bem individual e sacrificá-lo pelo bem-estar da comunidade. Como este sacrifício corresponde à capacidade de participação que é inerente ao homem e como esta capacidade lhe permite autorrealizar-se, não é contrário à natureza” (WOJTYLA, 2014, p. 330).

mesmo. Nesse sentido, “A significação do sistema de referência ao próximo é fundamental, porque este sistema ultrapassa qualquer outro sistema de referência que exista em uma comunidade humana e o supera por seu alcance, simplicidade e profundidade” (WOJTYLA, 2014, p. 344).

Considerações finais

A proposta central deste artigo foi investigar o personalismo na filosofia de Karol Wojtyła. O seu pensamento é particularmente importante porque inaugura, na história da filosofia ocidental, um diálogo entre as contribuições escolásticas, de matriz tomista, e a fenomenologia husserliana. O filósofo polaco introduz novos princípios ao desenvolvimento da corrente personalista. Por meio de uma passagem da ética à antropologia personalista, o pensamento wojtyliano tem como base a análise das diferentes dimensões que compõem a ideia contemporânea de *pessoa*. Nesse sentido, pode-se afirmar que o princípio responsável por determinar a filosofia wojtyliana como personalista decorre da tratativa do homem como uma realidade dinâmica e chamada à ação, como forma de se realizar na existência. Para além do pressuposto segundo o qual a “ação revela a pessoa”, Wojtyła também reconhece a importância da intersubjetividade e da inserção da pessoa em uma comunidade como forma de se fazer plenamente. Portanto, a afirmação do personalismo wojtyliano depende tanto da ideia de “ação” como instrumento para a revelação da pessoa quanto da constituição de uma comunidade responsável por possibilitar os princípios de autoposses e autodomínio.

Referências

BARRETT, Edward. *Persons and liberal democracy: the ethical and political thought of Karol Wojtyła/Pope John Paul II*. New York: Lexington Books, 2010. DOI: <https://doi.org/10.5771/9781461634003>.

BURGOS, Juan Manuel. La filosofía personalista de Karol Wojtyła. Madrid: Biblioteca palabra, 2006.

BURGOS, Juan Manuel. *Introducción al personalismo*. Madrid: Ediciones Palabras, 2012.

BUTTIGLIONE, Rocco. Desintegração e transcendência na ação. *In*: BUTTIGLIONE, Rocco; GRYGIEL, Stanislaw; SEIFERT, Josef (Ee.). *Antropologia e práxis no pensamento de João Paulo II*. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1985.

DAMASCENO, Francisco Agamenilton. O personalismo de Karol Wojtyła. *Trilhas Filosóficas*, Caicó, v. 9, p. 37-60, 2016. DOI: <https://doi.org/10.25244/tf.v9i1.2493>.

SEIFERT, Josef. Fenomenologia e consciência da filosofia de Karol Wojtyła: para uma nova metafísica clássica da pessoa em antropologia. *In*: BUTTIGLIONE, Rocco; GRYGIEL, Stanislaw; SEIFERT, Josef (Eds.). *Antropologia e práxis no pensamento de João Paulo II*. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1985.

SILVA, Jonas Matheus Sousa da. Karol Wojtyła, o filósofo: antropologia, corpo e relações sociais. *Apoena: Periódico dos Discentes de Filosofia da UFPA*, v. 2, n. 3, p. 104-112, 2020. DOI: <https://doi.org/10.18542/apoena.v2i3.11516>.

SILVA, Paulo César da. *A antropologia personalista de Karol Wojtyła: pessoa e dignidade no pensamento de João Paulo II*. Aparecida: Ideias & Letras, 2005.

SOUZA, José Carlos Aguiar de. Modernidade, secularização e a crise de legitimidade: uma introdução a Blumemberg. *Síntese Nova Fase*, v. 22, n. 70, p. 301-319, 1995.

SPINIELI, André Luiz Pereira; SOUZA NETO, Cezar Cardoso de. O conceito de dignidade humana no pensamento personalista de Karol Wojtyła. *Revista Reflexões*, Fortaleza, v. 11, n. 21, p. 203-211, 2022.

WOJTYLA, Karol. *El hombre y su destino*. 4. ed. Madrid: Ediciones Palabras, 2005.

WOJTYLA, Karol. *Persona y acción*. Madrid: Ediciones Palabras, 2014.

Data de registro: 19/09/2022

Data de aceite: 30/08/2023